



## Os impasses da modernização dos jornais no oeste do Paraná na década de 70<sup>1</sup>

Claudia Jawsnicker/ FAG<sup>2</sup>

### Resumo

Num ambiente de pujança econômica e crescimento acelerado, inicia-se, na década de 70, um novo ciclo da imprensa escrita em Cascavel (oeste do Paraná), com a fundação dos jornais *Fronteira do Iguçu* e *O Paraná*. Apesar de reafirmarem uma tradição da imprensa da região desde a década de 50 – a criação de jornais a partir de um ideal de formação política –, estes diários marcam o surgimento de um novo tipo de jornalismo na região: empresarial e tecnologicamente avançado. Mas a modernização impôs um impasse. Para financiar melhorias tecnológicas, estes veículos tornam-se dependentes do investimento publicitário de verbas públicas, atrelando a produção jornalística aos interesses políticos e econômicos do seu maior agente financiador: as Prefeituras da região.

### Palavras-chave

Modernização; jornais; Cascavel; década 70

### Introdução

Em meados da década de 60, o ciclo da madeira no Oeste do Paraná começa a dar sinais de esgotamento, sendo, aos poucos, substituído pela cultura da soja, que visava inicialmente atender a demanda nacional de óleos comestíveis, mas, rapidamente, ganha o mercado mundial. O plantio recebia incentivo do poder público federal, que desenvolvera uma política de incremento de exportações através de financiamento a preços acessíveis. A região apresentava as condições ideais para a produção do grão: grandes propriedades, com terras férteis e planas – propícias ao uso intensivo de máquinas agrícolas – e posição geográfica privilegiada para o escoamento da produção através do porto de Paranaguá. O aumento da área de cultivo é significativo: no final dos anos 60 já são 172 mil hectares destinados ao plantio do grão.

A criação da Cooperativa Agropecuária Cascavel (Coopavel), em 15 de dezembro de 1970, congrega o esforço de 42 produtores rurais e sinaliza a transição

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

<sup>2</sup> Jornalista profissional. Mestre em Educação. Docente do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da FAG, em Cascavel. E-mail: jawsnick@certto.com.br



definitiva do ciclo madeireiro para o da agricultura. O crescimento da produção da soja paranaense nos anos 70 é dos mais expressivos na história econômica do país: entre 70 e 76, a produção do grão no Estado passa de 24% a 40% do total da produção nacional. Cascavel estabelece-se como importante centro agrícola, transformando a região num celeiro do Estado e, muito em breve, do país. A agricultura crescia 1000% ao ano e havia cerca de nove mil propriedades rurais ativas no município. “Agricultores de hábitos simples e de ambições modestas começavam a sentir o gosto de ganhar dinheiro com a venda da soja no mercado internacional”, explica o jornalista cascavelense Jean Paterno (2006, p. 20).

A cultura da soja movimentava a cidade, impulsionando a urbanização e a industrialização. O censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indica que a população do município era, na época, de cerca de 90 mil habitantes. Em 1974 já são 500 estabelecimentos industriais nos mais variados ramos, como produção de minerais não-metálicos, metalurgia, mecânica leve e pesada, comunicações, entre outros. Problemas de infra-estrutura são atacados. “Antes da década de 70, Cascavel era uma cidade sem expressão. Um município com enormes problemas de infra-estrutura: energia, saneamento e urbanismo”, lembra Octacílio Mion, pioneiro e ex-Prefeito do município – localizado a cerca de 500 quilômetros da capital - em dois mandatos (60/64 e 69/73).<sup>3</sup>

Neste ambiente de pujança econômica e crescimento acelerado, inicia-se um novo ciclo da imprensa cascavelense, com a fundação dos jornais *Frenteira do Iguaçu* e *O Paraná*.

### **O jornal Frenteira do Iguaçu**

O jornal *Frenteira do Iguaçu* é criado, em Cascavel, em 21 de setembro de 1971, com a proposta de alavancar o projeto de criação do Estado do Iguaçu, território de cerca de 68 mil km<sup>2</sup>, compreendendo o oeste e sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina. Os proprietários do jornal - Nanci Siliprandi, Itacir Bastini, Jácomo Trento e Dirceu Vieira Fagundes, que era também o diretor responsável pela publicação - participavam ativamente do movimento separatista e adquiriram o jornal para divulgar e popularizar o grupo ao qual pertenciam. O movimento, fundado e liderado por Edi

---

<sup>3</sup> Entrevista à autora em 21 de março de 2006.

Siliprandi, na década de 70, lutava pela emancipação política e administrativa de um território que havia sido extinto em 1945. Reafirmando uma tradição dos jornais da região desde a década de 50, quando foram lançados os primeiros periódicos em Cascavel, o *Frenteira do Iguaçu* nascia a partir de um ideal de formação política.<sup>4</sup>

A expectativa na cidade por causa do lançamento do novo jornal era grande. Orgulhoso de ser o terceiro jornal em off-set no Estado - antecedido apenas pela *Folha de Londrina* e pela *Gazeta do Povo*, de Curitiba, o *Frenteira do Iguaçu* era um pequeno tablóide: com formato de 28 cm por 38 cm, contava com cerca de 12 páginas. Sua primeira edição começou a ser distribuída às 4 da madrugada do dia 21, nos bares e clubes noturnos da cidade. O jornal, nesta primeira fase, era publicado aos domingos, terças e quintas-feiras, com uma abrangência que incluía cerca de 60 municípios. A redação era enxuta: cerca de sete pessoas, entre fotógrafos, repórteres e redatores, editores. “Mas todo mundo fazia de tudo. As funções não eram muito definidas”, explica o jornalista Rolvi Martini, que trabalharia 10 anos no jornal.<sup>5</sup>

Com a chegada do jornalista Frederico Sefrin, que passaria a trabalhar no jornal a partir de 1973, o jornal passa por uma série de transformações. Em outubro de 1974, com a compra de maquinário novo, a redação muda-se para um espaço mais confortável, na Rua Virgílio Formigheri. Transforma-se em jornal diário, inaugurando uma época de profissionalismo no jornalismo na cidade. “O *Frenteira* foi a primeira escola de jornalismo que houve na cidade”, afirmaria Sefrin<sup>6</sup>. “Não ganhávamos grande coisa, mas estávamos felizes. Compramos uma impressora nova, superior a que tínhamos até então, e que nos permitiu fazer um jornal no formato *standard*”, lembra Rolvi.<sup>7</sup> Foi uma época em que o jornal “embalou mesmo”, nas palavras de Sefrin<sup>8</sup>, que convidado inicialmente para a função de redator-chefe, logo acumularia funções de destaque dentro do tablóide e, em poucos meses, assumiria o cargo de editor-chefe.

---

<sup>4</sup> Com peridiocidade e tiragem irregular e sem contar com verbas publicitárias que os financiassem, os primeiros veículos impressos da cidade - *O Correio do Oeste*, *Diário do Oeste* e *A Verdade* - sobreviveram enquanto existia o ideal de formação política. Assim como ocorreu em outras cidades do Paraná – como Londrina, Maringá e Ponta Grossa –, “muitos grupos criavam jornais para expressar suas idéias, vender elogios à cidade, potencializar a cultura ou criticar o poder vigente através das páginas impressas”, como lembram Pontes e Gadini (2005). Ou seja: assim que terminava o apoio político ou o momento do interesse, o jornal desaparecia. Vale ressaltar, também, que a intenção de obter lucros econômicos através desses jornais estava relegada a um segundo plano; a atividade jornalística era, com frequência, deficitária.

<sup>5</sup> Entrevista à autora em 21 de março de 2006.

<sup>6</sup> Revista Imagem, número 12, em setembro de 1979.

<sup>7</sup> Entrevista à autora em 21 de março de 2006.

<sup>8</sup> Revista Imagem, número 12, em setembro de 1979.

Menos de dois anos depois tornar-se-ia sócio da publicação, junto com o médico Luiz Carlos Lima, Jatir Antônio Freitas e Pedrinho de Sousa.

Sob o comando de Sefrin, o jornal inova no formato – de tablóide passa para *standard*. A notícia recebe investimentos para melhorar a sua aparência, atrair o leitor e garantir sua venda. O logotipo da publicação, tímido na primeira edição, é substituído por outro, com mais destaque e em duas cores. A primeira página torna-se mais moderna, mostrando chamadas curtas com referência às matérias nas páginas no interior da publicação. O conteúdo do jornal passa a ser melhor organizado: surgem cadernos como o “Anexo”, de cultura, publicado aos domingos, com matérias e artigos sobre música, artes plásticas e cinema, entre outros assuntos, e o “Suplemento Rural”, com matérias sobre agricultura e suinocultura. “A idéia de separar o jornal em cadernos foi uma verdadeira revolução na época”, lembra Rolvi.<sup>9</sup> São publicadas notícias vindas de Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro, através da PR Press. Enrique Ortiz passa a assinar uma coluna sobre turismo e Fernando Gomes sobre sociedade. Mas a coluna mais popular é, sem dúvida, a “Boca Maldita”, não assinada, com notas curtas sobre os bastidores da política local e regional. A coluna era produzida, na verdade, por Frederico Sefrin, que avaliaria, mais tarde: “O jornal começou a se politizar a partir de 1974”.<sup>10</sup>

As mudanças são reflexo direto da concepção de trabalho jornalístico de Sefrin, que viria a ser o responsável pela direção e fundação de todos os principais jornais impressos da cidade até o final da década de 90. Sefrin tinha uma visão global do empreendimento jornalístico e sabia que o *Frenteira do Iguaçu* precisava investir em equipamentos modernos. “Ele sabia da importância da máquina para a modernização do jornal.”, lembraria Rolvi.<sup>11</sup> A necessidade de modernização acompanhava a evolução do jornalismo no país: depois de uma primeira fase de um jornalismo político-partidário, na qual os diários eram sobretudo porta-vozes de partidos políticos, surgia um jornalismo mais empresarial, que pretendia privilegiar a informação ao comentário e opinião.

Aos poucos são inauguradas sucursais nas principais cidades do oeste paranaense: Toledo, Palotina, Marechal Cândido Rondon, Foz do Iguaçu e Pato Branco. “O jornal cobria bem a região”, completa Rolvi.<sup>12</sup> Mas a cobertura incluía,

---

<sup>9</sup> Entrevista à autora em 21 de março de 2006.

<sup>10</sup> Revista Imagem, número 12, em setembro de 1979.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Entrevista à autora em 21 de março de 2006.

essencialmente, os assuntos ligados às atividades das prefeituras da região, como inauguração de obras públicas e atividades da polícia civil ou militar. Em março de 1971 o jornal passa a ser o órgão oficial do Município de Cascavel, publicando atos do Paço Municipal. Em outras palavras: o jornal cobria, preferencialmente, os assuntos de interesse das prefeituras, principais financiadores do diário.

Já em 1975, o jornal apresentava dificuldades financeiras, com uma dívida de mais de um milhão de cruzeiros. Em fins do mesmo ano, desanimado com os problemas financeiros enfrentados pelo diário, Sefrin vende sua participação no jornal ao médico Lima e segue para uma nova empreitada jornalística: a criação do jornal *O Paraná*, que se tornaria o principal concorrente do *Frenteira*.

A competição com *O Paraná* foi um duro golpe para o *Frenteira do Iguaçu*. Os dois jornais passaram a ser “concorrentes ferrenhos”, nas palavras do jornalista Heinz Schmidt, conhecido pelos amigos como Alemão, que trabalhou no *Frenteira* como redator e editor por dois anos. “O jornal começou a entrar em crise com o surgimento do *O Paraná*. A competição era árdua. *O Paraná* tinha dinheiro e equipamentos e o *Frenteira* enfrentava toda uma série de limitações”.<sup>13</sup> Entre elas, a falta de uma rotativa, que garantisse uma impressão com mais qualidade e maior número de exemplares.

O *Frenteira do Iguaçu* enfrenta, a partir de 1977, um longo período de turbulência financeira, quando é vendido para o grupo Kucinski que, mais tarde, repassa o diário para o empresário Antônio Heleno, homem de reputação duvidosa e com suspeitas de envolvimento em negócios escusos. “Esta foi a fase negra do *Frenteira*”, resume Rolvi<sup>14</sup>. Na madrugada de 27 de fevereiro de 1979, um incêndio criminoso na redação do *Frenteira*, caso que não foi solucionado até hoje, agrava a situação. O fogo atinge parte do maquinário e o setor de arquivo do jornal. O jornal afunda numa crise cada vez mais séria. “Muitos móveis foram também consumidos pelo fogo. Minha prancheta de fazer a arte do jornal, por exemplo, passou a ser uma das portas da redação”, lembra, com tristeza, Rolvi. Numa solução emergencial e provisória, o jornal volta a ser semanário e passa a ser diagramado e impresso em Curitiba. “Durante três meses, as matérias eram feitas em Cascavel e enviadas, por malote, para Curitiba. Era um sofrimento danado”, lembra Rolvi<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Entrevista à autora em 21 de outubro de 2005.

<sup>14</sup> Entrevista à autora em 24 de março de 2005.

<sup>15</sup> Idem.

Três meses depois, nova crise: o proprietário do jornal, Antônio Heleno, é assassinado. A direção fica acéfala. Os jornalistas não recebem seus salários; muitos, abalados, decidem abandonar o jornal. “O assassinato de Antônio Heleno, em 1979, precipitou o fim do jornal”, acredita Heinz Schmidt, que trabalhou durante três anos no jornal.<sup>16</sup> O jornal é comprado pelo jornalista Rolvi Martini, que não consegue resistir às dificuldades financeiras. Novamente o *Frenteira do Iguaçu* é transferido para outras mãos: desta vez para as do empresário Nelson Ventorano. Em 81, depois de lenta agonia, ele fecha as suas portas do *Frenteira do Iguaçu*.

### **O jornal O Paraná**

O jornal *O Paraná* foi concebido da mesma maneira que seus antecessores: com uma finalidade política. A publicação nasceu com o intuito de respaldar, em 1976, a campanha do então pré-candidato à Prefeitura de Cascavel pela Arena, o empresário Jacy Scanagatta. Como muitas lideranças da cidade, Jacy alimentava aspirações políticas. Alinhado com os políticos da Arena, elegeu-se pelo partido vice-prefeito na chapa de Octacílio Mion, em 1968, que já havia sido prefeito de 60 a 64. Jacy havia sido alertado pelo o secretário de estado da Saúde, Arnaldo Busato, que um dos fatores do seu fracasso nas urnas havia sido o fato de não ter tido apoio de nenhum veículo de comunicação impresso na cidade.

Em 1976, consciente da importância de ter o respaldo de um veículo que o apoiasse e divulgasse a sua campanha à Prefeitura, ensaia, inicialmente, um acordo com o jornal *Frenteira do Iguaçu*. Mas a aproximação não se concretiza, esbarrando na resistência do médico Luis Carlos Lima, um dos proprietários do periódico, que pretendia lançar à Prefeitura o nome do empresário Sérgio Mauro Festugato. Para concretizar o projeto, convida para ser seu sócio o jornalista Frederico Sefrin Filho, experiente no ramo – era editor e também sócio-minoritário do jornal *Frenteira do Iguaçu*. A idéia de Jacy era ousada: “Eu quero que você monte o melhor jornal que você conseguir”, disse Jacy a Sefrin<sup>17</sup>. Para o jornalista, que andava desanimado com as dificuldades financeiras enfrentadas pelo *Frenteira do Iguaçu*, a proposta soa irresistível, como o próprio Sefrin revelou em entrevista à *Revista Imagem*:

---

<sup>16</sup> Entrevista à autora em 21 de outubro de 2005.

<sup>17</sup> Anselmo Cordeiro em entrevista à autora em 31 de março de 2006.

O Jacy chegou acenando com a possibilidade de maquinário moderno, ele que sabia que nossa grande dor de cabeça sempre foi a impressora. Eu sempre fui meio ingênuo, não refleti a respeito do negócio, achei que ia ser uma beleza, nem sequer me dei ao trabalho de fazer um retrospecto da atuação do Jacy [...] Eu já estava decidido e não pensei em mais nada. Sou como touro quando embala, não pensa em mais nada.<sup>18</sup> (*Revista Imagem* 1979: 24)

Mesmo alertado por amigos para avaliar melhor a proposta que parecia tentadora, Sefrin não hesita: vende sua participação no *Fronteira*, torna-se sócio - minoritário e executor do projeto editorial e gráfico do novo jornal. Os equipamentos para montar o jornal são comprados do *Diário do Norte de Maringá*, que num processo de modernização de seu parque gráfico, estava vendendo parte seu maquinário. Jacy e Sefrin aproveitam a oportunidade e compram tudo que estava à venda, inclusive a rotativa – grande sonho de Sefrin. “Foi uma compra de porteira fechada. Eles compraram inclusive móveis, como escrivaninhas. Até uma boa parte dos funcionários se mudou de Maringá para trabalhar no *O Paraná*”, lembra o jornalista Heinz Schmidt, o Alemão, que fez parte da equipe de *O Paraná*.<sup>19</sup> Entre os que vieram com a mudança, estavam Marcio Peninha Borges, o espanhol Filberto Miguel e José Ivaldece Pereira. Nas palavras de Sefrin:

Isso foi em fevereiro de 1976, em pleno Carnaval e o Jacy queria que nosso jornal começasse a funcionar já em março, sem sequer o prédio estar concluído. [...] um recorde em termos de instalar um diário. Tudo isso, quase um milagre, era para dar tempo para a cobertura da campanha do Jacy a prefeito. (*Revista Imagem*, 1979: 26).

A festa de inauguração do jornal aconteceu, finalmente, em 15 de maio de 1976, com a presença de cerca de 3 mil convidados, entre eles autoridades – como o Secretário de Indústria e Comércio Arnaldo Busato, representando o governador Jayme Canet Junior - , além de jornalistas de Curitiba, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. “O jornal *O Paraná* nasce com o objetivo de defender os interesses de Cascavel, Paraná e Brasil”, garantiu, na ocasião, Jacy, em seu discurso. E completou:

O Paraná será um jornal sério, consciente, sóbrio e responsável. Nas suas páginas não terão agasalho as retaliações pessoais nem

---

<sup>18</sup> Entrevista à revista *Imagem*, número 12, em setembro de 1979.

<sup>19</sup> Entrevista à autora em 21 de outubro de 2005.

o boato falso e nem o noticiário escandaloso. Não ocultaremos o erro, mas também não daremos repasto ao sensacionalismo. (*O Paraná* número 1: 23)

No editorial do número 1, que foi às bancas no dia seguinte, 16 de maio, *O Paraná* afirmava:

*Alea jacta est.* A sorte está lançada. A jornada árdua recomeçou para todos nós, componentes da equipe de *O Paraná*. É áspero o caminho que devemos trilhar doravante, no afã de fazer germinar a semente que hoje lançamos nesse solo fértil do extremo oeste do Paraná. [...] Queira Deus que não conspirem os fatos contra a nossa disposição de não titubear na defesa da verdade e que a parafernália tecnológica de que dispomos não seja motivo olvidar que o nosso compromisso é informar e opinar com dignidade. (*Revista Imagem* 1979:24)

A primeira edição trazia, na capa, além de chamada para a reportagem sobre a inauguração do jornal, matérias sobre um acidente em Matelândia, crime em Guarapuava e reportagem sobre denúncia de suspeita de corrupção dos coordenadores da 1ª Expovel – vereadores arenistas, ligados ao prefeito Muffato, adversário político de Jacy.

E assim começou a história do *O Paraná*, veículo que trouxe modernidade técnica ao jornalismo de Cascavel. “Trouxemos a primeira rotativa da cidade, uma Goss-Community - utilizávamos serviços de agências de notícias – a France Press e a UPI -, e tínhamos até telefoto”, lembra Alemão.<sup>20</sup> Ao ser entrevistado pelo repórter Mony Portes, por ocasião da comemoração do aniversário de 25 anos do *O Paraná*, De acordo com o chefe da fotocomposição do jornal, Adelino Silva Guimarães, os equipamentos do jornal eram de fazer inveja. “Possuímos um dos mais modernos equipamentos no campo gráfico-jornalístico, que conta com três perfuradeiras e dois computadores”, diria ele em entrevista por ocasião do primeiro aniversário do jornal, em 1977.<sup>21</sup> “Meu pai compreendia a importância da inovação tecnológica dentro do processo de produção jornalística. Ele criou uma estrutura no jornal *O Paraná* que durou 25 anos.”, avalia Frederico Sefrin, filho do jornalista.<sup>22</sup>

O jornal contava com uma rede de sucursais e correspondentes na capital do Estado e em cidades da região oeste. Marechal Cândido Rondon, Guairá, Toledo,

---

<sup>20</sup> Entrevista à autora em 21 de outubro de 2005.

<sup>21</sup> *O Paraná* 08 de maio de 1977, página 15.

<sup>22</sup> Entrevista à autora em 24 de março de 2006.

Medianeira e Foz de Iguaçu possuíam escritórios com repórteres que cobriam os acontecimentos destas cidades. E, em cidades menores, sempre existia alguém para coletar assinaturas. Como não havia muitos concorrentes - apenas em Foz e Guairá -, *O Paraná* era soberano na região.

Com o lema que mantém até hoje - Jornal de Fato -, *O Paraná* saía diariamente com cerca de 15 páginas, número que duplicava nas edições de domingo. A cobertura local abrangia, basicamente, as atividades da administração pública local. As notícias das sucursais, que ocupavam a página 11, eram textos curtos, sem aprofundamento ou análise, em sua maioria sobre as ações e projetos das prefeituras locais. Instalava-se, no *O Paraná*, o jornalismo chapa-branca, fantasma que perseguiria o jornal por muitos anos. “A facilidade de conseguir recursos das Prefeituras levava a um comodismo, gerava uma dependência do poder público”, avalia hoje Alemão.

O jornal produzia também matérias sobre assuntos como esporte, notícias nacionais – provenientes da Agência Estado -, notícias internacionais – sobre cidades como Nova Iorque, Lisboa, Tóquio e Argentina, produzidas pela agência UPI e, principalmente, política local, regional e estadual. Os textos de opinião, espalhadas pelo jornal, incluíam quatro colunas diárias sobre política e economia e sociedade, além do editorial diário, na página 4, com opiniões e críticas sobre os assuntos da cidade.

Algumas novidades foram incorporadas ao jornal ao longo dos primeiros meses. Ainda em 1976 foi lançado o “Suplemento Infantil”, depois rebatizado de “Paraná Jr”, com histórias e tiras de quadrinhos (publicado aos domingos); o “Caderno C”, com matérias sobre cultura, teatro, cinema, música e comportamento (também aos domingos) e o “Suplemento Agrícola”, com matérias sobre plantio, produção e mercado agrícola (editado na 6ª feira). O jornal começou a promover eventos esportivos, como provas de ciclismo, em parcerias com as Prefeituras e campeonatos de futebol de salão.

Alemão, editor-chefe, comanda uma equipe de cerca de 12 pessoas na redação: dois editores auxiliares, um chefe de reportagem, repórteres e fotógrafos. Alemão faz uma auto-crítica do trabalho que realizou no Paraná, junto com os colegas. “Revendo as antigas edições hoje, reconheço que poderíamos ter aprofundado o exercício do jornalismo, poderíamos ter investido em reportagens locais. Faltava experiência”, avalia.

Nos seus primeiros meses de vida *O Paraná* cumpriu o seu papel: deu uma enorme exposição e respaldo à campanha de Jacy, com uma cobertura completa de comícios, caravanas e eventos. Matérias de página inteira divulgavam os encontros do

candidato com lideranças empresariais e políticas da cidade, região, Estado e país – como a visita do Presidente Ernesto Geisel à Cascavel em 30 de outubro de 1976. O resultado foi a eleição esmagadora no mesmo ano: Jacy vence com 13.838 votos. Assumindo em 31 de janeiro de 1977, torna-se o 7º prefeito de Cascavel. No entanto, logo após a eleição, ainda em 1976, Sefrin e Jacy se desentenderam. As razões da briga envolveriam a relutância de Jacy de investir mais capital de giro no jornal, segundo Sefrin explicaria em entrevista à *Revista Imagem*:

Passou a campanha política, as coisas continuaram do mesmo jeito, o jornal pendia para um lado só. Nós fizemos um planejamento, pelo qual O Paraná ia gastar "x" cruzeiros por mês nesse e naquele setor, precisava de capital de giro, e o Jacy não cumpriu o prometido, não colocando dinheiro que estava programado. [...] “O Jacy queria que o jornal desse lucro desde o primeiro mês e que o faturamento saísse o suficiente para a sua manutenção e capital de giro. Não passou pela cabeça dele que teria que botar dinheiro em cima”<sup>23</sup> (*Revista Imagem* 1979, 25).

Segundo Anselmo Cordeiro, que trabalhou em *O Paraná* durante três anos, a saída de Sefrin tem ainda outra versão. “O Jacy não confiava mais no Sefrin. Ele temia que o Sefrin, pela maneira combativa de ser, produzisse reportagens que respingassem em algum secretário municipal ou deputado amigo”, garante ele. “Se eu fosse um pouco menos ingênuo, vamos dizer até mais inteligente, eu teria feito um retrospecto e concluiria que sociedade com o Jacy não iria dar certo de forma nenhuma”, lamentaria Sefrin anos mais tarde.<sup>24</sup> Junto com outros cinco jornalistas, Sefrin decide sair do Paraná e investir, juntos com outros cinco jornalistas do *O Paraná*, num novo empreendimento jornalístico: a criação de um jornal independente, que seria batizado de *Jornal Hoje*. Com a saída de Sefrin assume a direção geral do *O Paraná* Manuel dos Passos – natural de Florianópolis, que trabalhara em diversos veículos de comunicação (principalmente rádios) em Santa Catarina. Põe em prática uma reestruturação na redação, convidando jornalistas de outras cidades, como Curitiba e Londrina.

Em pouco tempo aconteceria mais uma mudança na direção do jornal. “Jacy queria se desfazer do jornal, que vinha dando prejuízo”, lembra André Costi, então superintendente das empresas de Jacy.<sup>25</sup> O empresário pensa seriamente em vender o

---

<sup>23</sup> Revista Imagem, número 12, em setembro de 1979.

<sup>24</sup> Revista Imagem, número 12, em setembro de 1979.

<sup>25</sup> Entrevista à autora em 21 de novembro de 2005.

jornal – única empresa do seu grupo que lhe dava prejuízo -, mas desagradava-lhe a idéia de que ele pudesse acabar nas mãos da oposição. Oferece, então, o jornal ao superintendente de suas empresas, André Costi. Sem experiência no ramo jornalístico, Costi reluta em tocar o negócio sozinho. Procura o jornalista Emir Sfair e sonda seu interesse numa possível sociedade. Emir, que já havia trabalhado no *Paraná Esportivo* e na *Gazeta do Povo*, ambos de Curitiba, era colunista político de *O Paraná* e morava na capital do Estado. Jacy faz aos dois uma oferta tentadora. “Um negócio a perder de vista”, na avaliação de Costi<sup>26</sup>.

Costi e Sfair acertam a sociedade e, em 1978, o jornal *O Paraná* passa a ter novos donos e entra em uma nova fase. Anselmo Cordeiro assume o cargo de ‘redator-chefe’. O trabalho de revitalização e reorganização da estrutura do jornal incluía desvencilhar o veículo da imagem pública de Jacy. O jornal foi, aos poucos, ganhando autonomia e um perfil próprio. Mas André Costi e Emir Sfair tinham, por causa da compra facilitada do *Paraná*, uma dívida de gratidão com Jacy. Quando ele foi novamente candidato a Prefeito, alguns anos mais tarde, o jornal fez uma cobertura absolutamente parcial em favor do Jaci. “Talvez seja por isso que, até hoje, algumas pessoas ainda supõem que o jornal pertença ao Jacy”, imagina Antonio Sbardelotto, atual editor –chefe do jornal<sup>27</sup>. Segundo ele, os leitores do *O Paraná* não gostaram da parcialidade escancarada. “Foi um aprendizado amargo”.

Nos últimos 30 anos, *O Paraná* tem procurado associar a sua imagem às lutas do município e região, entre elas a implantação da Ferroeste e da Unioeste, a abertura da Estrada do Colono e a construção da ponte sobre o Rio Paraná, unindo Guairá e Novo Mundo. Em editorial de comemoração ao seu 20º aniversário, o jornal se definiu como “legítimo porta-voz da população de uma região que contribui com a maior produção agrícola deste país”.<sup>28</sup> Sbardelotto garante que hoje o jornal não faz campanha “nem para candidato X nem para candidato Y”. Segundo ele, o objetivo do jornal é oferecer ‘informação equilibrada’. “Não oferecemos notas cifradas nem sensacionalismo. Procuramos ter uma postura ética, ajudar o leitor a tirar suas conclusões e interpretações”. Ele admite que o veículo opina com menos intensidade que outros veículos de informação. “O jornal poderia e deveria ser mais contundente e incisivo, mas não é o que o leitor quer. Fazemos o jornal que agrada a maioria dos leitores. Quem

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> O Paraná 15 de maio de 1996, página 2.



define o perfil do nosso jornal é o leitor. Recebemos, deles, diariamente, cerca de mil e-mails, com críticas e sugestões”.<sup>29</sup>

*O Paraná* enfrentou, ao longo dos anos, várias mudanças gráficas. Investimentos no maquinário – como a nova rotativa de quatro unidades – permitiram que o jornal, em 1998, passasse a ser colorido. Também foram ampliadas as instalações do jornal, com a compra de novos terrenos. Atualmente, *O Paraná* é o jornal mais antigo de Cascavel a circular na cidade. Com uma tiragem que varia entre 17 a 22 mil exemplares por dia, dependendo da época, o jornal utiliza atualmente os serviços da Agência Estado e conta com cerca de 20 jornalistas – entre formados e provisionados – em sua redação.

### Considerações finais

A modernização da imprensa cascavelense começou na década de 70, com o surgimento dos jornais *Frenteira do Iguaçu* e *O Paraná*, que apresentaram novidades editoriais e tecnológicas. A modernização estabeleceu a fase de um jornalismo empresarial na cidade, que consolida-se a partir da inovação tecnológica dos processo de produção jornalística. A incrementação tecnológica irá exigir destes jornais capacidade financeira para sustentação da modernização do maquinário. É nesse momento em que, para Marcondes Filho (2002), a fase romântica em que o valor pedagógico era financiado pela falência do jornal cede lugar à imprensa moderna e sintonizada com as exigências do capital.

A venda dos espaços publicitários para assegurar a sustentação e a sobrevivência econômica – passa a ser prioritário em relação ao seu *valor de uso*, a parte puramente redacional-noticiosa dos jornais. A tendência – como se verá até o final do século XX – é a de fazer do jornal progressivamente um amontoado de comunicações publicitárias permeado de notícias. (Marcondes Filho, 2002:13)

A modernização impôs, então, um impasse. Para financiar melhorias tecnológicas, os dois jornais tornaram-se dependentes do investimento publicitário de verbas públicas. Esta dependência tornou a produção jornalística dos jornais *Frenteira do Iguaçu* e *O Paraná* atrelada aos interesses políticos e econômicos do seu maior agente financiador: as Prefeituras.

---

<sup>29</sup> Entrevista à autora em 24 de outubro de 2005.

Os jornais se rendem aos *releases* recebidos de instituições públicas locais. Por comodidade ou para reduzir custos, não houve estímulo aos repórteres a fazerem o que deveriam saber fazer de melhor: ir à rua atrás de pautas novas e criativas, no hábito salutar de “colocar o pé na estrada” e se engajar numa apuração longe da Internet, e-mail e telefones. Uma apuração que priorizasse o inédito e o inquietante e investisse mais no jornalismo local e nas problemáticas regionais

Como lembra o professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Bauru, Pedro Campos, fatos novos, muitas vezes, interessam à comunidade, mas desagradam à Prefeitura. (2006). A relação de dependência publicitária com o poder público faz com que o noticiário sobre a cidade se reduza, muitas vezes, aos feitos da administração municipal, prática preocupante e que compromete a independência editorial dos veículos. Para Bucci (2006), a presença do “Estado anunciante”, indispensável para a sobrevivência de muitos jornais, especialmente de pequeno e médio porte, gera relações de dependência, constrangimentos que comprometem a qualidade do trabalho jornalístico e uma orientação jornalística que busca canalizar e não contrariar valores e atitudes já existentes na sociedade. É o jornalismo curvando-se diante da lógica pragmática das empresas jornalísticas reguladas pela audiência e pelo lucro. Além disso, é comum a produção de conteúdos artificialmente favoráveis ou críticos ao(s) governo(s).

## Referências bibliográficas

BUCCI, Eugênio apud EGYPTO, Luiz. **Por mais qualidade e mais isenção**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=379O10002>. Acesso em 20/05/2006

CAMPOS, Pedro. **Jornalismo no interior: características**. Disponível em: [wmail.faac.unesp.br/~pcamps/JORNALISMO520NO520INTERIOR.htm](mailto:wmail.faac.unesp.br/~pcamps/JORNALISMO520NO520INTERIOR.htm). Acesso em 02/09/2006.

**Cascavel, livro Ouro – 50 anos de história**. Cascavel: Tuicial, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002.

OLIVEIRA, Dennison. **Urbanização e industrialização do Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.



PATERNIO, Jean. **História das bandas de rock**. Cascavel: Assoeste, 2005.

PONTES, Felipe Simão; GADINI, Luiz. Mídia, História e Memória dos Campos Gerais do Paraná. Breve análise histórica do jornalismo impresso na cidade de Ponta Grossa (PR). In: **Anais do Encontro Nacional da História da Mídia**, Novo Hamburgo, 2005.

SCORTEGAGNA, Adalberto et al. **Paraná. Espaço e memória. Diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Editora Bagozzi, 2005.

SPERANÇA, ALCEU. **Cascavel, a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.

SILIPRANDI, Edison. **Estado do Iguaçu. Uma versão documentada**. Cascavel: Academia de informações Literárias, 2000.